



DRAMAS DA ESTIAGEM: OBSERVAÇÕES ACERCA DA TEMÁTICA DA SECA EM LEANDRO GOMES DE BARROS E ANTONIO HENRIQUES NETO

*DROUGHT'S DRAMA: OBSERVATIONS ABOUT DROUGHT THEME IN
LEANDRO GOMES DE BARROS AND ANTONIO HENRIQUES NETO*

Claudenice da Silva Souza

<https://orcid.org/0000-0003-1590-7185>

Programa de Pós-graduação em Linguagem e Ensino

Universidade Federal de Campina Grande

clau909silva@gmail.com

Resumo: A seca é um fenômeno natural persistente e impiedoso na trajetória histórica de muitas gerações do Nordeste brasileiro, caracterizando-se por intensos períodos de escassez hídrica e aumentando a vulnerabilidade da região. Diante disso, comentamos sobre grandes secas ocorridas no território ao longo dos séculos de acordo com autores como Andrade (1986), Silva *et al* (2013), Carmo e Lima (2020), dentre outros, que exploram tanto as causas quanto as possíveis soluções, além de abordarem acerca dos efeitos oriundos da estiagem. Em seguida, citamos várias obras literárias em que as circunstâncias históricas, sociais e políticas que as permeiam são representadas levando em consideração os intensos períodos de estiagem do espaço em que se desenrolam os enredos. O objetivo deste trabalho é refletir acerca do modo como a temática da seca é caracterizada na poesia popular. Para isso, escolhemos dois poemas: o cordel *A seca do Ceará*, de Leandro Gomes de Barros, e o poema *Drama nordestino*, pertencente ao livro *Poesia, folclore e nordeste*, de 1985, do poeta popular Antonio Henriques Neto. Como aporte teórico, temos as reflexões de Diégues Júnior (1973), Luyten (2005), Scoville (2011), Leite Junior (2015) e Souza (2020).

Palavras-chave: Seca. Poesia popular. Região Nordeste.

Abstract: Drought is a natural, persistent and merciless phenomenon in the historical trajectory of many Brazilian Northeastern generations, characterized by many water scarcity periods and raising their vulnerability. Therefore, we comment about major droughts in the territory through centuries according to authors like Andrade (1986), Silva *et al* (2013), Carmo e Lima (2020), among others, which explores as causes as possible solutions, in addition to approach about its resulting effects. After that, we quote several books under what historical, political and social circumstances permeate it take into account intense periods of drought in the space where plots unfold. The objective of this work is about reflecting how popular poetry characterizes the theme of drought. For that, we choose two poems: Cordel *A seca do Ceará*, from Leandro Gomes de Barros, and the poem *Drama nordestino*, contained in the book *Poesia, folclore e nordeste*, from 1985, written by popular poet Antonio Henriques Neto. As theoretical support, we have reflections from Diégues Júnior (1973), Luyten (2005), Scoville (2011), Leite Junior (2015) and Souza (2020).

Keywords: Drought. Popular poetry. Northeast region.



Introdução

A temática das secas é uma constante na história de inúmeras gerações de brasileiros que vivem na região Nordeste do país. Há aquelas com um período de estiagem com duração de meses e há ainda aquelas mais severas, as secas periódicas, que podem chegar a se estender por anos. Apesar de o Nordeste ser uma região que produz uma série de produtos importantes para a economia nacional e não ser uma área totalmente semiárida, a experiência do povo atesta que quando as secas são muito prolongadas, diversos problemas assolam a população e acabam por comprometer a sobrevivência animal e humana.

1. Algumas informações sobre as grandes secas ocorridas no Nordeste

Partindo da relevância de uma discussão mais aprofundada e pontual acerca dos períodos de estiagem na região Nordeste, muitos estudiosos¹ vêm refletindo a respeito desse desastre climático. Assim, alguns abordam causas e possíveis soluções para as consequências ocasionadas pelo fenômeno natural, outros discorrem sobre os efeitos decorrentes do fenômeno, enquanto há aqueles que trazem ainda políticas públicas voltadas para a situação. De toda forma, todos concordam que as secas prejudicam aqueles que vivem em ambientes que sofrem com a estiagem.

Quando as secas são muito longas, inúmeras são as consequências: os reservatórios começam a secar, as plantações não suportam a escassez de água e morrem, o gado começa a ser sucumbido pela fome e pelas doenças, dentre outros problemas graves para a economia local e, a longo prazo, nacional. Enquanto isso, os habitantes se veem sem saída e pensam na possibilidade de deixar seu lugar. Em artigo publicado em 1986 pela *Revista de Economia Política*, Andrade destaca graves problemas desse abandono: “[...] além da concentração de flagelados em pontos que consideram favoráveis à sua sobrevivência, desorganizam a economia regional, empobrecem as famílias e trazem sérios problemas de segurança e de salubridade para o governo” (p. 648). Diante das condições críticas explicitadas, o Estado precisar intervir a fim de amenizar tal situação, como argumenta o autor supracitado.

A experiência do povo nordestino não se esquece de grandes secas já ocorridas no passado. Os mais velhos passam para filhos e netos histórias de como sobreviveram a secas graves em condições dramáticas. Por conseguinte, a literatura – como expressão humana – não se furta ao direito de registrá-la. Seja em livros de romances, na poesia popular ou nas canções do povo, há sempre algo que remete a tempos de escassez de água e suas duras consequências. Como lembra Andrade (1986), são bastante famosas as secas ocorridas no fim do século XVIII (1788-1790), do século XIX (1877-1880) e do século XX, que foram inúmeras: 1915-1919, 1932, 1952, 1958, 1970 e 1979-1984². Compondo um quadro histórico mais abrangente, os autores Silva *et al* (2013) vão mais longe e evidenciam, além dos já mencionados, ainda outros grandes períodos de secas ocorridos nos últimos 500 anos na região Nordeste do Brasil: 1692-1693, 1723-1727,

¹ A questão da seca no Nordeste brasileiro tem sido amplamente discutida. A título de exemplificação, citamos alguns autores: Andrade (1986) Campos e Studart (2001), Silva *et al* (2013), Martins, Magalhães e Fontenele (2017), Carmo e Lima (2020), Gomes e Willegaignon (2021), Andrade, Silva e Gomes (2023), dentre muitos.

² Trazendo a realidade de estio para o nosso século, os autores Martins, Magalhães e Fontenele (2017) destacam que entre 2009 e 2017, no Nordeste, houve quatro anos secos: 2012, 2014, 2015 e 2016.



1744-1745, 1776-1778, 1808-1809, 1824-1825, 1888-1889, 1903-1904, 1914-1915, 1919-1921 e 1988.

As secas citadas acima foram fenômenos naturais severos, que resultaram em danos materiais e humanos com prejuízos sociais e econômicos imensuráveis. Dessa forma, os impactos advindos desse desastre natural ao longo dos séculos acabam por representar um mapa de riscos para quem vive no Nordeste brasileiro, que é uma região conhecida como vulnerável aos fatores climáticos. Desse modo, a vulnerabilidade hídrica provoca fragilidades sociais, ambientais e econômicas e condiciona o desenvolvimento da região a essas características.

Ainda assim, como apontam Silva *et al* (2013), essas vulnerabilidades “[...] não decorrem apenas do fenômeno clima, mas que foram socialmente construídas, ao longo do tempo, através do modelo agroexportador, configurando um quadro de estagnação econômica e desestruturação socioambiental da região” (p. 286). Por isso, os autores promovem uma discussão com o intuito de extinguir a ideia de que o Nordeste é uma região-problema, conforme termo utilizado por eles. Destarte,

Observa-se nitidamente a forte influência de fatores ambientais, durante décadas, sobre a população da região, onde a seca, enquanto fenômeno físico, não poderá ser alterado, representando sempre um desastre, acentuado pela ausência de uma gestão de riscos, aumentando as desigualdades, conflitos sociais e desarticulando toda a estrutura produtiva local para as faixas mais pobres das populações (Silva *et al*, 2013, p. 289).

Assim, os autores consideram que um dos principais problemas ocorridos na região semiárida decorre da ausência de uma infraestrutura que esteja preparada para as condições difíceis, isto é, que se adapte às secas e que consiga se sobressair em situações naturalmente adversas. Logo, os estudiosos concluem que essa situação de vulnerabilidade compõe uma conjuntura multifacetada permeada por vários fatores naturais. Lamentavelmente, esses fatores são acentuados por conta da negligência em relação às políticas públicas de desenvolvimento sustentável.

2. A temática da seca no Nordeste e a literatura

Muitas obras trazem como elemento importante para o desenvolvimento do enredo as grandes secas ocorridas no Nordeste brasileiro. Daí a relevância de citá-las neste trabalho e de refletir um pouco sobre como o fenômeno natural em discussão é caracterizado na literatura. Dessa forma, a conjuntura histórica em que cada obra de ficção sobre a seca é criada molda as representações e pontos de vista apresentados, pois as perspectivas retratadas são influenciadas pelo contexto histórico de sua produção.

Assim, destacamos a tese de André Scoville (2011), intitulada *Literatura das secas: ficção e história*, na qual o estudioso faz um levantamento e análise de um conjunto de obras literárias em que as secas nordestinas são caracterizadas. O autor esclarece que esse é um fenômeno climático e também social. Assim, embora a literatura tenha contribuído para criar uma imagem do sertão e do Nordeste focada na seca, ao mesmo tempo, ela também evoluiu, mostrando a complexidade desse problema, tanto através de diferentes visões dentro de cada obra, quanto pela mudança de perspectivas ao longo do tempo.

Em *O cabeleira* (1876), do autor Franklin Távora, a temática da seca é representada como um cenário de desolação tida somente como tragédia da natureza. Por ser vista apenas como fenômeno climático, as medidas que devem ser tomadas



levam em consideração as consequências imediatas da situação. Como aponta o autor da tese, é diminuída a responsabilidade do governo na obra.

Quando pensamos na obra *A fome*, de Rodolfo Teófilo, publicada em 1890, percebemos uma perspectiva diferente, pois há críticas no que se refere às responsabilidades do governo. Como lembra Scoville (2011), há no livro propostas voltadas para as ações urgentes no período de estiagem, tais quais: “as campanhas de vacinação, a melhoria das condições de trabalho, de higiene e de instalação dos retirantes nos abarracamentos e a melhoria do controle de fiscalização na gestão dos recursos públicos destinados aos socorros dos flagelados” (p. 94). Juntamente a essas questões, Teófilo coloca ainda a necessidade da construção de açudes e de outras obras para a população.

Em 1930, Rachel de Queiroz publica *O Quinze*, um dos romances mais bem-sucedidos sobre o tema. Na obra, a seca se agrava em um nível tão sério que os personagens pensam acerca da hora adequada em que devem retirar o gado das terras áridas para que talvez possam sobreviver diante de tal situação. Nitidamente, buscar soluções apenas nos limites do sertão semiárido não é suficiente para resolver os problemas advindos das condições adversas.

Em *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, publicado em 1938, a problemática da terra é um dos elementos essenciais do romance. Fabiano e sua família, que são retirantes, procuram por um lugar em que possam se estabelecer para morar e trabalhar. Mas, ao encontrarem uma fazenda aparentemente abandonada, descobrem que o local já tem dono. Assim, podemos refletir sobre o fato de que o autor da obra destacava que “[...] o problema das secas ia muito além da falta de chuvas” (p. 97), conforme excitado por Scoville (2011).

Na obra de Francisco Gil Castello Branco intitulada *Ataliba, o vaqueiro*, publicada em 1878, é perceptível que a questão central é a falta de água tanto para os animais e as plantações quanto para os próprios seres humanos. Em *O retirante* (1878), de Araripe Júnior, é representada a seca de 1845. Há também o romance *Os retirantes* (1879), de José do Patrocínio, escrito a partir de uma viagem do escritor para o Ceará em 1878.

Podemos citar ainda outras obras nas quais a seca aparece, tais como: *O sertanejo* (1875), de José de Alencar; *Os sertões* (1902), de Euclides da Cunha; *Luzia-Homem* (1903), de Domingos Olímpio; *A bagaceira* (1928), de José Américo de Almeida; *Seara vermelha* (1946), de Jorge Amado; *Dona Guidinha do Poço* (1952), de Manoel de Oliveira Paiva, dentre outras obras.

Diante desse levantamento, fica evidente que muitas obras trazem a temática aqui discutida. Em algumas narrativas, a seca aparece como elemento central, norteador e desencadeando inúmeras consequências. Percebemos que ao longo do tempo, a forma de abordar a temática foi se tornando mais complexa no sentido de elencar os responsáveis pelas tragédias advindas dos períodos de estio. Para que isso tenha se tornado possível ao longo do tempo, foi necessário que houvesse um avanço na compreensão da conjuntura social na região do semiárido. Portanto, a representação da seca na literatura contribuiu para a caracterização do sertão e do Nordeste e também serviu para demonstrar a complexidade do problema na realidade da região.

Além das obras destacadas, ressaltamos ainda que a temática aparece fortemente marcada na literatura popular brasileira, com ênfase na literatura de cordel, amplamente produzida no Nordeste – mas não apenas nessa região – e conhecida em todo o país. “Por tudo isso, podemos dizer, simplesmente, que a literatura de cordel, como é popular, trata dos assuntos que interessam ao povo. E, quando o faz, refere-se a assuntos e pessoas sob o ponto de vista popular” (Luyten, 2005, p. 50). Nesse sentido, seja na



tradição oral ou nos cordéis, há muitos textos que tematizam a seca, porque é um assunto que abrange a população e afeta principalmente os mais pobres.

Como lembra Diégues Júnior (1973), ao abordar os ciclos temáticos, o autor comenta sobre a seca nas manifestações de natureza física. “A começar pelas secas, tema que o homem do Nordeste, sobretudo o do interior, tem permanentemente em sua cabeça, por tudo que são consequências que decorrem de uma longa estiagem” (p. 68). O autor coloca vários folhetos que recordam episodicamente o tema.

Seja na tradição oral ou escrita, a temática aqui discutida é uma presença na literatura popular. Assim, encontramos poemas nos quais o narrador fala sobre os impactos do fenômeno natural para a sobrevivência dos nordestinos e, como nos lembra o autor: “quer informando de coisas acontecidas, quer ainda revelando as tradições, as previsões sobre o tempo, ou as experiências para saber se chove. Em desafios igualmente evoca-se a seca para mostrar seus efeitos” (Diégues Júnior, 1973, p. 68). Destacamos ainda que há aqueles textos que evocam sobre grandes secas ocorridas em períodos que ficam especificados nos versos e há folhetos que, mesmo sem especificar, contam sobre as secas, revelando as circunstâncias adversas pelas quais passam as pessoas que são obrigadas a conviver com a aridez de seu lugar.

3. A aridez dolorosa da seca nos poemas

Para a reflexão sobre como a seca está representada na poesia, escolhemos dois poemas, um do conhecido cordelista Leandro Gomes de Barros, nascido em Pombal-PB, e outro do poeta popular picuiense – município paraibano – Antonio Henriques Neto, ainda pouco conhecido. O cordel intitulado *A seca do Ceará* pertence ao poeta Leandro Gomes de Barros e aparece sem data de publicação. Mas, na décima terceira estrofe, há a alusão à guerra na Europa, o que nos faz acreditar que faz referência à Primeira Guerra Mundial e, portanto, trata-se da seca de 1915, o que nos dá uma ideia da época de sua publicação. O poema tem dezoito estrofes, todas décimas, que compõem verso a verso um cenário trágico e impiedoso de um intenso momento de estiagem vivido no Ceará, como aponta o título. O poema *Drama nordestino* está no livro *Poesia, folclore e nordeste*, do poeta popular Antonio Henriques Neto, e foi publicado em 1985. São dez estrofes, todas sétimas, que constroem um quadro dramático de como a seca representa sofrimento para o povo de nossa região.

Para nossa reflexão e análise de como a temática se desdobra ante a perspectiva de cada escritor, optamos por ir comentando os elementos mais relevantes que contribuem para a representação da seca em cada um deles. Assim, vamos comparando ao mesmo tempo em que elaboramos uma interpretação mais aprofundada de temas importantes dentro dos textos abordados.

Inicialmente, nos debruçamos acerca das paisagens áridas colocadas no poema. Em *A seca do Ceará*, já percebemos desde a primeira estrofe como o cenário é impactante para o narrador:

Primordialmente, iniciamos nossa interpretação comentando sobre como o autor descreve as paisagens no Ceará no momento da seca. Logo na primeira estrofe, temos: “O vento varre a campina, / Rebenta a seca de novo”. A imagem é de longe uma das mais belas do poema. As palavras nos fazem ver um vento varrendo um campo extenso e plano enquanto a seca se instaura novamente no lugar. A locução adverbial *de novo* anuncia a repetição de uma situação já conhecida por quem é da região. “Não se vê uma folha verde / Em todo aquele sertão”, lembra o narrador na segunda estrofe.



Mais adiante, na nona estrofe, lemos:

Aqueles campos que eram
Por flores alcatifados,
Hoje parecem sepulcros
Pelos dias de finados,
Os vales daqueles rios
Aqueles vastos sombrios
De frondosas trepadeiras,
Conserva a recordação
Da cratera de um vulcão
Ou onde havia fogueiras.

A comparação com uma época mais alegre deixa entrever a tristeza. A lembrança é dos campos que outrora eram cheios de flores e que agora se assemelham a sepulcros nos dias de finados, ou seja, o sentimento de morte toma conta da paisagem. “Noutros trechos do mesmo folheto, a paisagem é outro valor pictórico relevante, servindo de cenário ao inevitável padecimento da natureza” (Leite Junior, 2015, p. 197). Como destaca o autor, há um quadro feito com palavras ao longo do poema. O espaço de recordação leva a pensar na paisagem antes bela e cheia de vida.

Vale destacar ainda acerca da paisagem a leitura da décima quinta estrofe. Nela, o poeta coloca o inverno como soberano. Na aridez, percebe-se o tempo passar sorrindo inutilmente, pois “Por sobre o cadáver humano / Nem uma nuvem aparece”, dizem as quarta e quinta estrofes. Mais uma vez, revela-se a paisagem, como se os corpos ficassem ao relento e nem mesmo uma nuvem, que representa a chuva, aparecesse. Ao contrário, o sol sobe e a terra fica extremamente quente, sem indícios de água. Enquanto isso, uma forte e bela comparação: “Amargos prantos descendo / Como uma grande enxurrada”, como que para dizer que a chuva não cai, mas o pranto daqueles que precisam dela descem como uma enxurrada. A água que escorre abundantemente não é dos olhos daqueles que se lastimam.

Com relação à temática dos animais, Leandro Gomes de Barros foi bastante peremptório na primeira estrofe: “Morre o gado sai o povo”, asseverando a inevitável relação entre a vida desses animais e a sobrevivência humana. Consequentemente, o narrador destaca que por causa da seca os currais estão vazios. Na segunda estrofe, ele cita ainda esses animais, lembrando os tempos em que touros travavam lutas nas fazendas demonstrando força e vigor. Na décima estrofe, o animal aparece novamente:

O gado urra com fome,
Berra o bezerro enjeitado
Tomba o carneiro por terra
Pela fome fulminado,
O bode procura em vão
Só acha pedras no chão
Põe-se depois a berrar,
A cabra em lástima completa
O cabrito inda penetra
Procurando o que mamar (Barros, p. 08).

O verbo *urra* no primeiro verso da estrofe evidencia o estado em que se encontra o animal. Atrelado a isso está o berro do bode, compondo ruídos trágicos e desesperados por causa da fome extrema.

Na décima primeira estrofe, há a comparação entre tempos distintos com relação ao modo como se encontram animais antes imponentes, como os cavalos que antes



causavam grande admiração, mas que no tempo presente do poema andam “Parecendo um esqueleto / Carcomido pelo chão” (p. 09). O poema traz ainda outros seres do reino animal: o pirilampo que não lampeja mais; as rolas que antes arrulhavam saudosas apenas gemem agora; os tetéus que são mudos e sombrios, não vão mais ao rio e nem cantam mais; o juriti que não suspira na hora do arrebol.

A fome, já mencionada, é uma temática determinante para a construção da representação no poema de Leandro Gomes de Barros. A quinta estrofe é uma espécie de louvor fúnebre dedicado ao tema, elemento detentor da vida e da morte e que dá o ultimatum.

Foi a fome negra e crua
Nódoa preta da história
Que trouxe-lhe o ultimatum
De uma vida provisória
Foi o decreto terrível
Que a grande pena invisível
Com energia e ciência
Autorizou que a fome
Mandasse riscar meu nome
Do livro da existência (Barros, p. 06).

Logo em seguida, a sexta estrofe traz um filho que chora e na sétima estrofe está uma das imagens mais impressionantes de todo o poema: “Vê-se uma mãe cadavérica / Que já não pode falar, / Estreitando o filho ao peito / Sem o poder consolar” (Barros, p. 07). Ao refletir sobre a cena no poema, Leite Junior (2015) destaca que a escolha das palavras utilizadas por Leandro atende a uma sintaxe fundamental, isto é, a ausência de água é também a ausência da vida que aparece como consequência implacável e que gera morte. “O sujeito representado pela mãe, mesmo contanto com adjuvantes sagrados, não alcança o saber e o poder necessários à sobrevivência, o que revela um viés fatalista para a tragédia” (p. 197). Uma imagem que demonstra quão impiedosa é a fome causada pela situação em que ficam as vítimas do sertão perante o despreparo para a catástrofe natural chamada seca. O adjetivo que acompanha o substantivo *mãe* nos faz sentir o gosto amargo da privação extrema de alimentos. Categoricamente, o desfecho não poderia ser outro: “Ela débil triste e louca / Apenas beija-lhe a boca / E ambos morrem de fome” (p. 07).

A situação social em que se encontram as pessoas diante da seca também é uma temática bastante explorada no poema *A seca do Ceará*. Na oitava estrofe, o narrador conta sobre moças que passam pelas ruas, “Um com roupas em tira / Outras até quase nuas” (Barros, p. 07), tristes e com vergonha. Elas são obrigadas a pedir aos criados as sobras de comida dos cachorros nas portas dos chamados potentados. O substantivo se refere àquelas pessoas que têm muito dinheiro e poder. Assim, a disparidade social fica explícita tanto pelas moças que pedem quanto pelas pessoas que são chamadas de criados na casa do patrão.

Na décima terceira estrofe, é abordada tanto a guerra na Europa quanto a vulnerabilidade social em que se encontram os brasileiros. Na décima sexta estrofe, a referência direta à esfera do Poder Executivo do Brasil: “Os habitantes procuram / O governo federal / Implorando que os socorra” (p. 11). Mas a ajuda não vem, negligenciando a situação deliberadamente. As estrofes seguintes abordam ainda sobre a ajuda em forma de recurso financeiro que não chegou até os necessitados e sobre o aumento dos impostos. Enfim, o poema escancara a falta de ações que levem auxílio para os nordestinos que vivem a situação da seca e responsabiliza o governo pela



miséria da população. Por isso, desde o início do poema, o narrador destaca a existência dos retirantes flagelados, que vagam sem saber para onde ir e mendigam o pão.

Todas as temáticas destacadas e todos os elementos que servem de base para a construção do poema provocam um sentimento geral de tristeza ao longo da leitura. As pessoas que antes eram amigas não se falam mais e as súplicas ao divino se tornam incessantes.

Agora, adentramos no poema de Antonio Henrique Neto a partir das mesmas temáticas que percebemos no poema de Leandro Gomes de Barros e também de outras que podem surgir para compor a representação da temática principal aqui discutida.

A paisagem é bastante explorada em *Drama nordestino*. A primeira estrofe explana primeiro sobre a sensação térmica causada pelo fenômeno natural em versos que abordam o calor, o sol quente, a voragem, a sede e a combustão. Todos os elementos destacados contribuem para um desconforto e uma quentura que são próprios do lugar que está muito seco.

Na segunda estrofe, ao citar regiões nordestinas em que a seca ocorre de maneira mais severa, o narrador nos faz ver uma das imagens mais bonitas do poema: “onde o verde mandacaru / abre seus galhos em prece / para o céu que aparece / mais deserto e mais nu” (Neto, 1985, p. 27). A cactácea aparece verde mesmo na seca porque, como sabemos, é adaptada às condições climáticas do semiárido. O poeta associa as ramificações do mandacaru a braços erguidos para o céu fazendo uma prece. A imagem é interessante por ser essa planta uma das que conseguem sobreviver à seca e que parece estar pedindo para que a chuva venha.

Em seguida, a terceira estrofe nos coloca diante de outra cactácea, o xique-xique. Diferente da imagem anterior, em que a planta se ergue para o alto, o narrador fala de uma planta que “beija o chão na horizontal, / murchando no tabuleiro / sem um galho vertical” (Neto, 1985, p. 27). Assim, é possível perceber a personificação mais uma vez, na ação atribuída à planta, beijar o chão é uma maneira poética de colocar que ela está murcha pela ausência de água na região.

Em meio ao sofrimento da vegetação devido à seca extrema, o narrador fala de outro tipo de planta, a jurema, oferecendo mais uma imagem forte no poema:

Só a jurema atrevida
levanta-se com altivez,
sobre a terra ressequida
exibindo sua nudez.
A única que ornamenta
essa paisagem cinzenta
no cenário da aridez (Neto, 1985, p. 27).

No poema, a jurema é atrevida, ou seja, tem uma espécie de altivez e nobreza em meio à terra ressequida. Como lemos na estrofe, ela não está apenas sem suas folhas, ela exhibe a sua nudez, como se tivesse orgulho de sobreviver mesmo sem suas folhas para lhe cobrir, pois é ela quem adorna a paisagem cinzenta do Nordeste.

Na quinta estrofe, há ainda as algarobas, que aparecem acompanhadas do adjetivo *verdejantes*, pois sugam as águas dos rios e das cacimbas, que são inconstantes, isto é, nem sempre têm água disponível. Essa espécie sobrevive a longas estiagens e por isso foi escolhida para compor o cenário da aridez, como ele mesmo intitula na estrofe anterior. A consequência é que o líquido, que já é escasso, acaba se tornando ainda mais exíguo e colaborando com o fracasso daqueles que ainda criam animais, pois falta a água para os bichos. Assim, percebemos que as árvores que compõem a paisagem são um elemento relevante na construção da representação da seca, tendo em vista que



aparecem em cinco das dez estrofes do poema e estão repletas de imagens que caracterizam o cenário cinzento e árido. “Sol quente e seca são termos que caracterizam *Drama nordestino*, pois têm a ver com o clima do Nordeste. Da mesma forma, xique-xique e jurema fazem parte do texto, porque são elementos que representam a vegetação de nossa região” (Souza, 2020, p. 47). Logo, essa caracterização da paisagem em *Drama nordestino* é mais voltada para a vegetação do que em *A seca do Ceará*, tendo em vista a quantidade de espécies de plantas que aparecem.

Com relação à segunda temática aqui discutida, manifesta-se a partir da sexta estrofe uma preocupação mais acentuada com os animais no poema de Antonio Henriques Neto.

Já não existe forragem
para o minguido rebanho,
sem água e sem pastagem
o prejuízo é tamanho:
que o comércio do gado
já declina fracassado
com poucas margens de ganho (Neto, 1985, p. 27).

Como é possível perceber, a forragem vai acabando assim como a água e a pastagem também vão se tornando escassas para o rebanho – que já não é grande. A partir do quarto verso fala-se sobre a dimensão do prejuízo, pois o comércio de gado decai e o ganho é diminuto. Como destaca Souza (2020, p. 40), “O texto apresenta fatos ruins como o fracasso e o prejuízo advindos da seca no sertão e o tão conhecido êxodo rural daqueles que vão em busca de dias melhores em outras regiões”. Nesse sentido, percebemos uma preocupação com o criador de animais, que tira seu sustento desse tipo de negociação. Assim, além da angústia pelos animais que sentem sede e fome há uma aflição pelo declínio das formas de sobrevivência do sertanejo.

Continuando com a leitura, na sétima estrofe, o narrador diz que toda a situação contada anteriormente “São sufocos infelizes / que o nordestino aguenta”. Esses sufocos fazem com que cicatrizes fiquem em sua memória e em seu coração. De acordo com ele, a natureza – acompanhada do adjetivo *avarenta* – é a responsável por essas agruras que marcam o nordestino. Então, percebemos uma ausência de responsabilização dos governantes. Toda a carga é atribuída à natureza, como se nada pudesse ser feito para solucionar ou diminuir os efeitos do fenômeno natural na vida dos nordestinos.

Como consequência, o poema traz em seguida a questão do êxodo rural. Por não conseguir sobreviver em sua terra, o narrador conta com tristeza que o nordestino busca outras alternativas. “E assim sem tranquilidade / vai contra sua vontade / para o êxodo rural” (Neto, 1985, p. 28), conta a oitava estrofe. O sentimento mencionado perante a situação é de constrangimento, por deixar o lugar onde nasceu. Então, a nona estrofe complementa: “Sendo produto do meio / leva consigo um anseio: / Voltar posteriormente” (Neto, 1985, p. 28). Percebemos uma espécie de resignação ou mesmo aceitação por parte dos que sofrem no Nordeste ressequido, a solução é somente tentar a sorte em outro lugar.

No que se refere a isso, Silva *et al* (2013) destacam que as vulnerabilidades ambientais do semiárido também acarretam impactos negativos no que diz respeito ao desenvolvimento social, “[...] principalmente, a partir de meados das décadas de 70, quando a crise econômica brasileira intensificou as desigualdades sociais, aumentando os movimentos migratórios internos, o êxodo rural e o crescimento desordenado de cidades” (p. 290). Isto é, a situação explicitada no poema de Antonio Henriques Neto como *êxodo rural* e comentada no poema de Leandro Gomes de Barros como *retirantes*



flagelados não se resolve com a mudança de lugar. Conforme apontam os autores supracitados, as discrepâncias sociais se tornam ainda mais fortes e difíceis de serem resolvidas. A aceitação da situação como destino, que culpabiliza a avareza do meio natural tira a responsabilidade do governo, que não é citado em nenhum momento no poema *Drama nordestino*. Portanto, é diferente do que ocorre no poema de Leandro Gomes de Barros quando se fala que a ajuda não vem e que há a negligência escancarada por parte dos governantes.

Considerações finais

Ao longo de muitas pesquisas e leituras, fica evidente que a temática perpassa diversos textos tanto na prosa quanto na poesia (seja esta impressa ou oral). Ademais, concluímos que a seca é uma temática complexa tanto no que diz respeito aos efeitos que causa na vida das pessoas que a vivem intensamente ainda hoje quanto no tocante ao que deveria ser feito para amenizar essas consequências.

Os poemas aqui lidos e discutidos trazem, cada um à sua maneira, perspectivas que visam alertar para o sofrimento do nordestino com o fenômeno natural. Ainda que tenham sido publicados no século XX, os textos tratam de uma situação que perdura por anos, desde séculos passados até o nosso tempo presente, o que demonstra que poucas foram as ações implementadas para tentar amenizar a situação.

O poema do picuiense trata de maneira mais natural a seca, explorando os elementos que a constituem e formando um registro concreto de como o sertanejo se sente ao se deparar com a estiagem intensa em seu meio. O poema do cordelista nascido em Pombal, além de se constituir como um retrato desconcertante da seca, também denuncia a extrema pobreza e responsabiliza as autoridades. Logo, cada um se concebe como um notório e sensível documento literário que comprova como a seca pode afetar a vida e a sobrevivência dos indivíduos.

Referências

ANDRADE, Manuel Correia de. A intervenção do Estado e a seca no Nordeste do Brasil. *Revista de Economia Política*, vol. 06, nº 4 (24), pp. 646-654, outubro-dezembro/1986.

BARROS, Leandro Gomes de. *A seca do Ceará*. In: MEDEIROS, Irani (Org.). No reino da poesia sertaneja. João Pessoa: Ideia, 2002.

CAMPOS, J. N. B.; STUDART, T. M. C. Secas no Nordeste do Brasil: origens, causas e soluções. In: *Inter-American Dialogue on Water Management*, 4., 2001, Foz do Iguaçu. Anais... Foz do Iguaçu: Associação Brasileira de Recursos Hídricos, 2001.

CARMO, M. V. N. S.; Lima, C. H. R. Caracterização Espaço-Temporal das Secas no Nordeste a partir da Análise do Índice SPI. *Revista Brasileira de Meteorologia*, v. 35, n. 2, p. 233-242, 2020.

DIÉGUES JÚNIOR, Manuel *et al.* *Literatura popular em verso: estudos*. Tomo I. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura / Fundação Casa de Rui Barbosa, 1973.



LEITE JUNIOR, José. A visualidade no cordel a partir da seca de 1915: um percurso centenário. *Rev. Humanidades*, Fortaleza, v. 30, n. 2, p. 191-207, jul./dez. 2015.

LUYTEN, Joseph Maria. *O que é literatura de cordel*. São Paulo, Brasiliense, 2005.

MARTINS, E. S. P. R.; MAGALHÃES, A. R.; FONTENELE, D. A seca plurianual de 2010-2017 no Nordeste e seus impactos. *Parc. Estrat.*, Brasília-DF, v. 22, n. 44, p. 17-40, jan-jun 2017.

NETO, Antônio Henriques. *Poesia, Folclore e Nordeste*. Picuí: [s.n.], 1985.

SCOVILLE, André Luiz Martins Lopes de. *Literatura das secas: ficção e história*. 2011. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

SILVA, V. M. A. *et al.* O desastre seca no Nordeste brasileiro. *Polêm!ca*, v. 12, n.2, abril/junho de 2013.

SOUZA, Claudenice da Silva. *Chuva de versos: Um estudo sobre a recepção de poemas com a temática da chuva*. Dissertação (Mestrado em Literatura e Ensino) – Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2020.